



## **Meteorologia no Telejornalismo: Serviços e Notícias para Televisão Digital<sup>1</sup>**

Erika dos Santos ZUZA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Este artigo compreende um recorte atualizado da Dissertação de Mestrado defendida pela autora em outubro de 2010, no Mestrado em Televisão Digital da UNESP – Universidade Estadual Paulista. A partir de estudos sobre como a temática da meteorologia é tratada pelas emissoras de televisão no Brasil e no mundo, a pesquisa investiga como as notícias relativas ao tempo e às mudanças climáticas podem ser divulgadas pelas emissoras de televisão que transmitem em sinal digital e com interatividade. O trabalho ocorre em plena fase de implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T) e visa contribuir para a geração de conhecimentos para o telejornalismo brasileiro em meio às novas tecnologias de informação e comunicação.

**PALAVRAS – CHAVE:** TV Digital; Telejornalismo; Meteorologia; Tempo.

### **Introdução**

A situação do tempo interfere em decisões fundamentais no nosso dia-a-dia: compromissos são remarcados, viagens adiadas, eventos cancelados e investimentos podem ser feitos na tentativa de se adequar ao calor excessivo ou ao frio repentino. Pela televisão é possível notar que as notícias sobre o tempo já ultrapassaram as fronteiras do quadro da previsão. Há matérias, séries de reportagens, programas especializados e canais segmentados.

Pena (2003), através dos estudos do jornalismo - como atividade voltada para a divulgação de notícias relevantes para a sociedade – focaliza a teoria do agendamento (agenda-setting), formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw, e lembra que existe uma relação causal entre a agenda midiática e a agenda pública. A agenda-setting contribui para um melhor entendimento sobre a influencia provocada pela mídia na opinião dos cidadãos, o que logicamente, passa também a pautar os temas que devem ser priorizados na esfera política.

No caso das mudanças climáticas o papel do jornalismo enquanto mediador e fiscalizador das ações públicas e privadas é prioridade, tanto por causa da relevância social do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Mestre do Curso de Jornalismo da UFRN, email: [erikazuza@terra.com.br](mailto:erikazuza@terra.com.br)



assunto, quanto diante dos resultados de pesquisas científicas que apontam a necessidade de adequações ao clima que devem ser priorizadas no âmbito governamental, como o planejamento e implantação de políticas públicas nas cidades e o incentivo de ações que beneficiem o meio ambiente, seja por parte de cada indivíduo ou de forma coletiva - ONGs, empresas, indústrias, etc.

Com a implantação da televisão digital no Brasil e as perspectivas de ampliar serviços e notícias através dos dispositivos móveis e dos recursos de interatividade, se faz necessário uma reflexão sobre as possibilidades que poderão ser utilizadas para tornar a divulgação das questões meteorológicas mais abrangente, fomentando novos espaços para o jornalismo ambiental e incentivando o exercício da democracia através da divulgação de informações relevantes para a manutenção social.

### **Passado e Presente da Meteorologia na Televisão**

Refletindo sobre um dos significados de ‘notícia’, a previsão do tempo ganha relevância. “Notícia é aquela parte da comunicação que nos mantém informados dos fatos em andamento, temas e figuras do mundo exterior”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 36). As pessoas precisam de informação por causa de um instinto básico do ser humano, que chamam de instinto de percepção. “O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 36).

Nas redações é cada vez mais necessário o jornalista estar preparado para lidar com situações extremas em que o tempo escasso para apuração e divulgação pode limitar a criatividade e determinar os dados que serão efetivamente divulgados. Neste sentido torna-se um desafio ainda maior decifrar jornalisticamente os fenômenos naturais, entender como eles ocorrem e transmitir de maneira clara ao telespectador, sem cair nas armadilhas do cientificismo, com o uso excessivo de termos acadêmicos e técnicos em reportagens telejornalísticas. A reportagem sobre meteorologia requer não somente imagens perfeitas e sonoras (entrevistas) objetivas. É preciso entender os fenômenos, suas causas, consequências e entrevistar fontes confiáveis, para aí sim, ter perfeitas condições de construir narrativas jornalísticas que esclareçam o público.

É preciso incluir na pauta jornalística assuntos pouco discutidos atualmente, exemplos: as políticas públicas para adaptação ao clima, os aspectos relativos ao Programa Nacional de Mudanças Climáticas, administrado pelo governo federal, a participação do Brasil nas convenções internacionais sobre meteorologia, as ações políticas em prol do uso de



recursos renováveis, entre outros.

Pesquisas sobre como o assunto meteorologia é trabalhado pelos telejornais brasileiros são escassas no país. Em um estudo comparativo feito por Rezende (1996), sobre os conteúdos do Jornal da Cultura (TV Cultura), Jornal Nacional (Rede Globo) e Telejornal Brasil (SBT), são citados que a “previsão do tempo” aparece nas 18 edições pesquisadas durante uma semana, seis de cada telejornal. Porém não há detalhamento sobre os critérios que levam ao uso contínuo deste tipo de informação por parte dos editores dos programas.

Atualmente, observando-se os telejornais nacionais da TV aberta brasileira, todos, nos mais variados horários de exibição, dedicam um espaço ao serviço da previsão do tempo. E no Brasil já existem programas cujos conteúdos versam exclusivamente sobre as previsões meteorológicas, cobertura de fatos climáticos, bem como análises feitas por Jornalistas especializados ou Meteorologistas.

Um exemplo é o telejornal “Tempo News”, do canal aberto Record News. De segunda a sexta-feira, o noticiário apresenta as principais informações sobre o tempo no Brasil e no mundo. Além das previsões, são exibidas reportagens sobre as ocorrências climáticas e suas consequências nas cidades, explicações dos fenômenos e curiosidades sobre comportamentos sociais e culturais gerados pelo clima. O programa é considerado “o primeiro telejornal do gênero na televisão brasileira”. (TEMPO News, 2009.)

Já a TV Cultura, mantida pela Fundação Padre Anchieta, completa quarenta dois anos em 2011. É uma entidade sem fins lucrativos e com caráter de TV pública. Em sua história está uma curiosidade que marca a presença das temáticas do meio ambiente e meteorologia na TV brasileira: Quando a emissora entrou no ar em 16 de julho de 1969, iniciou a programação com o produto “Planeta Terra”, em seguida veiculou o boletim “A moça do tempo”, apresentado por Áurea Maria. (TV Cultura, 2009.)



Áurea Maria no programa ‘A moça do Tempo’, TV Cultura, 1969.

Outro exemplo foi encontrado no livro ‘Jornal Nacional – a notícia faz história’ (BONNER, 2004), onde se mostra evidência de que a cobertura de desastres climáticos faz



parte do jornalismo da Rede Globo desde suas primeiras exibições. Entre os fatos que a emissora cobriu, antes do início do Jornal Nacional estavam, por exemplo, a enchente no Rio de Janeiro em 1966. “Cinco dias de temporal resultaram em mais de 100 mortos e 20 mil desabrigados.” (BONNER, p. 19, 2004).



Enchente no RJ em 1966: foto publicada em reportagem sobre os 46 anos da Rede Globo.

(Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/04/globo-46-anos-relembre-quais-foram-os-acontecimentos-mais-marcantes.html>)

Na América do Norte os Estados Unidos saíram na frente. Com o crescimento das emissoras de televisão por assinatura nos anos de 1970, apareceram as TVs segmentadas, entre elas as voltadas para a meteorologia. Em 1982, entrou no ar a ‘*The Weather Channel*’, emissora idealizada por *Frank Batten* para transmitir a previsão do tempo e cobertura de fenômenos climáticos 24 horas por dia.

Através dos recursos de interatividade via sinal digital, os canais The Weather Channel e o The Weather Channel HD permitem que seus telespectadores tenham acesso a aplicativos com informações detalhadas sobre a previsão do tempo, como é possível observar nas imagens abaixo. É possível verificar mapas, previsão por cidades, velocidade dos ventos e até alertas de tempestades que podem aparecer na tela principal do canal a qualquer momento.



Recurso interativo utilizado pelo canal The Weather Channel em 2008.



Aplicativo interativo desenvolvido para o The Weather Channel em 2009.



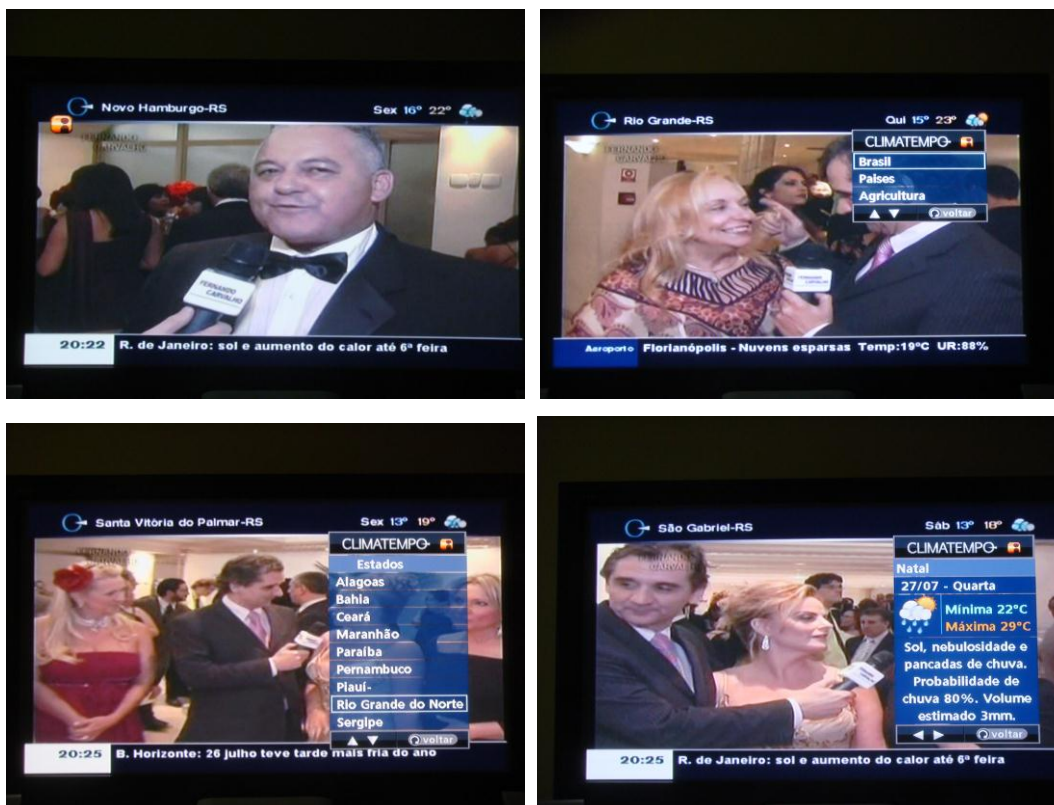
Recursos interativos disponibilizado pelo The Weather Channel HD em 2009.

No Brasil, desde 1998, esse papel é da TV por assinatura Climatempo, que possui diversos programas com temáticas ligadas a meteorologia e transmite previsões nas 24 horas do dia. De acordo com informações publicadas no site da emissora, trata-se do único canal da América Latina neste segmento.

A programação traz boletins ao vivo e de hora em hora com informações sobre o tempo em mais de 300 cidades brasileiras e em 100 destinos internacionais. A grade apresenta programas de entrevistas e reportagens sobre agronegócios, turismo, lazer, comportamento e meio ambiente, sempre com temas ligados à meteorologia. A TV Climatempo tem uma base de assinantes que chega a 2 milhões de pessoas. (Disponível em: <[http://www.climatempo.com.br/tv\\_institucional-.php](http://www.climatempo.com.br/tv_institucional-.php)>. Acesso em 25 mar 2009).



Recurso interativo da TV Climatempo apresentado durante II Seminário Nacional de Televisão Digital, Recife/PE, 2009.



Interatividade da TV Climatempo disponibilizados para assinantes da Operadora de TV por assinatura Sky, Jul 2011. Fotos registradas pela autora.

No Jornal Hoje, Rede Globo, há um destaque para o quadro da previsão do tempo. O programa tem uma linguagem coloquial, o que impacta diretamente no formato de transmissão das informações meteorológicas. No site do telejornal, a definição: “tem a vocação de ser um telejornal-revista, com destaque para temas ligados ao comportamento humano, saúde e cultura”. (JORNAL Hoje, 2009.) Em abril de 2009, o programa iniciou o novo formato da previsão do tempo. Com segundos a mais para a apresentação, o jornalista mediador interage com os apresentadores do telejornal - Evaristo Costa e Sandra Annenberg - fala dos acontecimentos que envolvem o tempo no Brasil, acompanhado por imagens de lugares e por mapas atualizados, em que ícones auxiliam no entendimento das previsões, pontuando as necessidades do telespectador de acordo com o tempo do momento.



Flávia Freire, apresentadora da Previsão do Tempo do Jornal Hoje, em 2009.



Já no canal por assinatura Globo News, caracterizado por ser o primeiro canal de telejornalismo 24 horas do Brasil, a meteorologia permeia toda a programação com os boletins do tempo através de entradas em cada edição dos telejornais. A importância creditada a esta informação está registrada na história do canal. A definição inicial das características do telejornal “Em Cima da Hora”, cuja exibição era a cada meia hora (atualmente trata-se do Jornal da Globo News), apresentava a previsão do tempo como serviço noticioso em destaque:

A abertura do jornal era o MIT (Manchetes, Indicadores e Tempo) e a sequência era o Plano Geral. Ao assistir ao MIT do ‘Em Cima da Hora’ - uma escalada (abertura) mais consistente do que a de outros telejornais - o telespectador ficaria informado sobre as principais notícias do dia, além dos indicadores econômicos e da temperatura no Brasil e no mundo. (PATERNOSTRO, 2006, pg. 65-66).

Atualmente, o quadro da previsão do tempo nos telejornais da Globo News é destacado ao longo do programa, entres as reportagens. São exibidas artes com informações básicas sobre o tempo e as temperaturas mínimas e máximas de cidades brasileiras e das principais cidades do exterior. As explicações sobre os fenômenos e suas consequências ganham espaços em reportagens, notas e entrevistas, na maioria dos casos exibidas em virtude de fatos extremos (temporais, enchentes, ventanias, secas, etc.). Também há telejornais, como o ‘Jornal Globo News - Edição das seis’, em que o quadro da previsão conta com a participação ao vivo de um Meteorologista, direto do CPTEC-INPE, que explica detalhadamente a previsão para todas as regiões brasileiras.

### **Mudanças Climáticas em pauta**

Nos últimos anos foram divulgados os resultados e apontamentos de pesquisas científicas, notadamente do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), alicerçadas por diversas metodologias que confirmaram, em uníssono, as transformações irreversíveis no planeta terra, provocadas pelas mudanças climáticas devido ao fenômeno aquecimento global<sup>3</sup>. Uma das primeiras ações efetivas em busca da redução dos efeitos do aquecimento global foi a assinatura do Protocolo de Kyoto, um tratado que começou a ser

---

<sup>3</sup> Aquecimento Global: Aumento progressivo e gradual da temperatura média anual da superfície terrestre causado, em parte, pelo aumento da concentração de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera. O impacto do aumento da temperatura poderá causar aumento dos níveis do mar, aumento da intensidade dos eventos climáticos extremos, além da alteração nos regimes de chuva e na intensidade das precipitações. Disponível em: <<http://www.mudancas-clima-ticas-andi.org.br/glossario/alpha/a>>. Acesso em: 15 jun 2010.



discutido na Eco-92 e que culminou na assinatura de diversos países que concordaram em assumir o compromisso de agir para a redução dos índices de emissão de gases tóxicos na atmosfera.

Diante da efetivação do Protocolo de Kyoto, metas de redução de gases foram implantadas, algo em torno de 5,2% entre os anos de 2008 e 2012. O Protocolo de Kyoto foi implantado de forma efetiva em 1997, na cidade japonesa de Kyoto, nome que deu origem ao protocolo. (BRASIL Escola. 2009).

Em 2006 o economista britânico Nicholas Stern, afirmou em relatório feito sob encomenda do governo britânico que as mudanças climáticas apresentam riscos globais muito sérios e demandam uma resposta global urgente:

As nossas ações durante as próximas décadas poderão criar riscos de grave perturbação para a atividade econômica e social, no final deste século e no próximo, a uma escala semelhante às associadas com as grandes guerras e a depressão econômica da primeira metade do século XX. (RELATÓRIO STERN. 2009).

Um ano depois, em 2007, as previsões apresentadas pelo IPCC através do quarto relatório, mostraram que até o fim do século XXI a temperatura na terra poderá subir entre 1,8 e 4,0°C; até 2100, o nível dos oceanos deverá aumentar de 18 a 59 centímetros, o que poderá desabrigar cerca de 200 milhões de pessoas no planeta. (IPCC, 2009.)

O IPCC é uma agência especializada da ONU. É considerada a autoridade científica máxima que assessora os países à Convenção do Clima<sup>4</sup>. Os estudos contam com a participação de cientistas de diversos países, inclusive o Brasil. As projeções revelam que as consequências do agravamento do aquecimento global são aparentes em nível planetário e em nível local, variando de região para região. A vulnerabilidade das sociedades humanas e dos sistemas naturais às condições climáticas extremas é percebida através dos danos e mortes ocasionados com o aumento das ocorrências de chuvas, secas, ondas de calor, avalanches, furações e tempestades.

As evidências existentes [...] – particularmente, o aumento da temperatura – já afetaram um conjunto de sistemas físicos e biológicos em diversas partes do mundo. Os exemplos incluem o encolhimento das geleiras, o derretimento parcial de camadas de gelo permanente, o congelamento tardio e descongelamento precoce do gelo em rios e lagos, o declínio das populações de algumas plantas e animais, a antecipação da floração de algumas árvores, do surgimento de insetos e da postura de ovos de algumas

---

<sup>4</sup> Entre 07 e 19 de dezembro de 2009 foi realizado em Copenhague, na Dinamarca, a 15ª Conferência das Partes (COP-15) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima. “Depois de intermináveis horas de discussão e debates, os negociadores de um novo acordo sobre clima chegaram a um acordo: não há consenso. Considerada a mais importante reunião ambiental da história, a COP-15 terminou em clima de frustração. Após 12 dias de negociações, presença de 130 Chefes de estado e muita tensão, a conferência terminou [...] sem o tão esperado novo acordo global sobre o clima.” (ANDI. Disponível em: <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br>>. Acesso em 03 fev 2010).





aves. (CLIMATE Change 2001, *apud* TRIGUEIRO, p. 234, 2005).

Preocupados com a maneira com que os assuntos ligados ao clima vem sendo tratados e divulgados pela imprensa, em 2008, a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e a Embaixada Britânica divulgaram uma pesquisa até então inédita no Brasil: “Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira: Uma análise dos 50 jornais no período de julho de 2005 a junho de 2007”. O trabalho apresentou informações sobre como os principais jornais impressos do país abordaram o tema mudanças climáticas, bem como analisou os pontos positivos e negativos da cobertura, evidenciando lacunas e possibilidades de melhoria. (ANDI, 2009.)

Os resultados do estudo mostram um crescimento expressivo da cobertura sobre mudanças climáticas a partir do último trimestre de 2006, especialmente nos jornais nacionais e de cunho econômico. A partir da pesquisa, a ANDI passou a coordenar um portal na internet voltado para jornalistas, com a divulgação e explicação dos fenômenos climáticos. Em entrevista ao site, o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), José Marengo, ressaltou o amadurecimento da cobertura, que teve como ponto de partida a divulgação do quarto relatório do IPCC, em 2006. Segundo ele, a atenção aos assuntos nacionais teve como base iniciativas importantes a exemplo do lançamento do Plano Nacional sobre o Clima, e ações de combate ao desmatamento. (MUDANÇAS Climáticas, 2009.)

No segundo semestre de 2009 a ANDI e a Embaixada Britânica no Brasil publicaram a segunda etapa do monitoramento de 50 jornais de 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, com dados colhidos entre julho de 2007 a dezembro de 2008. Em síntese, os resultados mostram que aumentou a cobertura do tema mudanças climáticas com foco na realidade nacional.

De acordo com o estudo, dentre as matérias que se prendem a localidades específicas, as referências ao contexto brasileiro aumentaram de 42,7%, no primeiro período analisado, para 72,3%. Outro dado que mostra uma abordagem mais ligada à realidade nacional diz respeito à percepção sobre as responsabilidades dos governos estrangeiros e as que cabem ao Brasil. No período de 2005 a 2007, líderes de outros países eram vistos como os principais responsáveis por apresentar respostas ao problema (24%). Já na segunda fase da investigação essa demanda foi transferida para o Executivo brasileiro (32,2%). (MUDANÇAS Climáticas, 2009).

Sobre a pesquisa, o jornalista Adalberto Marcondes, diretor da Agência de Notícias Envolverde (<[www.envolverde.com.br](http://www.envolverde.com.br)>), afirmou que em relação a cobertura brasileira

existe uma melhora nos últimos anos com trabalhos que muitas instituições



estão realizando. [...]. Porém, é preciso ir além do editor e do repórter. [...] Ainda não conseguimos envolver os diretores de jornais, de televisão, por exemplo. [...] Infelizmente, esse alto escalão enxerga o jornalista que trabalha com a pauta ambiental como eco-chato”, avaliou (MARCONDES, Adalberto, 2009).

Este é um problema generalizado. O trabalho publicado em agosto de 2009 confirma que apesar do número crescente de jornalistas monitorando as políticas públicas relativas ao clima, as notícias não aprofundam o tema. Trata-se da pesquisa “*Time to Adapt?*” que foi comandada pelo jornalista britânico, *Mike Shanahan*, coordenador de comunicação do *International Institute for Environment (IIE)*, ele fez uma análise da cobertura em países em desenvolvimento.

Ao pesquisar o comportamento da mídia em diversos países no segundo semestre de 2008, podemos concluir que o tema mudança climática está cada vez ganhando mais espaço. Entretanto, mesmo com os avanços alcançados até agora, ainda há um longo caminho a ser trilhado. O desafio de ampliar o agendamento desse tema persiste, assim como o de garantir a qualidade do conteúdo jornalístico, destaca Shanahan. (MUDANÇAS Climáticas, 2009.)

Neste contexto é possível verificar a importância do fomento de discussões e debates para que a população se informe cada vez mais sobre a importância da preservação do meio ambiente e sobre as consequências que já estão sendo geradas pelas mudanças climáticas. Um trabalho no qual a mídia tem o papel fundamental no sentido de disseminar informações que em muitos casos ficam restritas aos cientistas e entidades públicas.

### **TV Digital: Ideias para a Cobertura Climática**

Desde dezembro de 2007 a televisão brasileira vivencia uma nova evolução, com a inauguração do processo de implantação do Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre (SBTVD-T), através do início da transmissão em sinal digital em São Paulo. Atualmente a transmissão digital é realizada em centenas de cidades brasileiras e 12 países<sup>5</sup> já anunciaram a adoção do padrão brasileiro de TV Digital para suas transmissões. As negociações foram comandadas pelo Governo brasileiro através do Ministério das Comunicações.

Trata-se também de uma fase de realização de pesquisas nas áreas tecnológicas e de comunicação, bem como, um período de expectativas, sobretudo por parte dos telespectadores, em conhecer na prática o que muda com a chegada desta televisão renovada. Cruz (2008) lembra que durante o período de transição do analógico para o digital, os dois sistemas de transmissão irão conviver conjuntamente.

---

<sup>5</sup> O padrão nipo-brasileiro de TV Digital já foi adotado oficialmente por 12 países: Brasil, Japão, Paraguai, Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, Equador, Filipinas, Peru, Venezuela e Uruguai. (MINISTÉRIO das Comunicações, 2011.)



O consumidor não precisa mudar imediatamente de equipamento. Durante esse período, seu aparelho antigo continua a funcionar. Quem não quer comprar um televisor novo, mas mesmo assim desfrutar da nova tecnologia tem a opção de comprar um conversor, o *set-top-box*, que, apesar de não garantir toda a qualidade da imagem digital nos televisores de tubo, dará acesso a recursos como multiprogramação e interatividade, se estiverem disponíveis. (CRUZ, 2008, p. 18).

A transmissão e recepção em HDTV permitem ao usuário visualizar com muito mais qualidade uma imagem em tela 16:9 (widescreen) com 1080 linhas de resolução (Full HD), ao contrário da imagem recebida por transmissão analógica em aparelhos mais antigos com a proporção 4:3 de tela e 480 linhas de resolução. De acordo com o cronograma estabelecido pelo Ministério das Comunicações, até 2013 o sinal digital estará cobrindo todo o país. Já o desligamento do sistema analógico está previsto para 2016.

A equação da televisão digital envolve o funcionamento afinado dos elementos produtores de conteúdo, plataformas de distribuição, fabricantes de equipamentos industriais e domésticos e regulamentadores, com vistas na conquista do receptor, sem o qual uma mídia não se configura efetivamente. (BOLAÑO e BRITTOS, 2007, p. 26).

Com relação a interatividade, foi criado no Brasil uma tecnologia própria, o middleware Ginga, desenvolvido nos laboratórios da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e no Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (LAVID) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Já no interior do estado de São Paulo, na cidade de Bauru, pesquisas sobre TV Digital estão sendo realizadas desde 2008 pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), através do Mestrado Profissional em Televisão Digital: Informação e Conhecimento.

Os assuntos relacionados ao sistema brasileiro de TV Digital ainda são pouco divulgados pelos meios de comunicação, e por isso desconhecidos da maioria do público. Por outro lado, no ambiente acadêmico, vem conquistando espaços, são objetos de estudos em inúmeras pesquisas e em laboratórios de empresas de informática e de comunicação. Dentre os recursos que poderão ser disponibilizados pelos conversores interativos na televisão, estão o acesso às informações extras do conteúdo exibido, ao guia de programação da emissora, à internet e aos serviços de governo (t-gov), jurídicos, bancários (t-banking), compras (t-commerce), trânsito e os serviços meteorológicos.

Diante deste contexto e refletindo sobre a divulgação de informações sobre o meio ambiente, a TV Digital Interativa (TVDI) abre um enorme leque de possibilidades. Serão novos espaços na tela disponibilizados para se editar informações detalhadas, imagens ao vivo, glossário, áreas para participação do telespectador, tudo ao alcance do controle remoto e



com recursos de navegação parecidos com os da internet na tela da TV.

Sobre os serviços de meteorologia já disponíveis via sinal digital as informações acadêmicas são escassas, assim como também não foi encontrado na internet dados detalhados sobre os projetos existentes, bem como é importante registrar também aqui a falta de informações sistematizadas acerca da história da meteorologia nos telejornais e sobre os impactos efetivos gerados com sua transmissão.

Diante disso, dentre os exemplos que nossa pesquisa conseguiu verificar, haja vista as imagens incluídas neste artigo, é possível duas breves observações: A primeira é que ao assistir a previsão do tempo via TV Digital, o telespectador tem à sua disposição informações detalhadas sobre meteorologia, seja da sua cidade, estado ou país. As informações divulgadas pelo apresentador do tempo, em linguagem telejornalística, ganham relevância e não ficam mais restritas ao formato sintético característico do veículo. O telespectador pode escolher entrar no recurso interativo e visualizar previsões que não foram enfatizadas pelo apresentador, bem como, ver detalhamento de mapas e temperaturas do dia em questão, de cada dia da semana ou do mês.

Em segundo lugar, é importante levar em consideração que os movimentos sociais de convergência digital em pleno ano 2011, nos faz acreditar que cada vez mais a televisão digital irá ser desfrutada através da mobilidade e portabilidade, o que amplia a influencia dos aplicativos digitais, não somente os desenvolvidos propriamente para o sistema brasileiro de TVD, porém aqui ficam inclusos os aplicativos que já temos acesso via smartphones e tablets, que estão se tornando plataformas cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas no Brasil.

Num contexto amplo, os recursos da TVDI deverão ajudar na melhoria do exercício do jornalismo ambiental e científico, criando condições favoráveis para a ampliação das discussões ainda pouco visíveis na imprensa atual e podendo assegurar o debate na esfera pública de temáticas preteridas pelos tradicionais meios de comunicação, mas que são cada vez mais essenciais na busca de qualidade de vida, do uso sustentável dos recursos naturais e para o progresso social, político e econômico.

### **Considerações Finais**

Quando foi definida a temática desta pesquisa, a maior dúvida era por onde começar. Eram dois grandes desafios: o primeiro é que no Brasil há poucas fontes sobre Meteorologia no Telejornalismo, apesar de ser um conteúdo comum aos telejornais; já o segundo é que o país está em fase de implantação do novo sistema de televisão, com benefícios como a mobilidade e interatividade que poderão, ou não, se tornarem populares.



A pesquisa acadêmica sempre deve caminhar a frente de seu próprio tempo, por isso é preciso ir em busca de conteúdo para entender a presença das notícias sobre o tempo nos telejornais e de que forma isso vem sendo realizado. Fomos pesquisar o que é a TV Digital, suas características e quais os diferenciais do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre – SBTVD-T – um sistema híbrido, que une o padrão Japonês às pesquisas brasileiras e que promete muitas vantagens ao telespectador.

É fundamental levar em consideração que o presente artigo científico apresentado ao Intercom 2011 é inédito e representa um recorte atualizado da Dissertação de Mestrado defendida por esta autora, em Outubro de 2010, para obtenção do título de Mestre, no Mestrado em Televisão Digital da UNESP – Universidade Estadual Paulista, em Bauru, São Paulo.

Diante dos conhecimentos adquiridos ao longo dos dois anos da pesquisa, é possível observar que nos próximos anos a tendência é que os assuntos ligados a Meteorologia se tornem mais relevantes e sejam centros de discussões tanto na mídia como pelos poderes públicos através da construção de políticas que possam contribuir, por exemplo, para a adaptação das cidades às mudanças climáticas. Não é mais suficiente que a cobertura relativa ao tempo se concentre nas informações diárias de serviço, com as temperaturas mínimas e máximas e se o dia será ensolarado, nublado ou chuvoso.

A meteorologia deve ir mais além da previsão e vencer as fronteiras da cobertura sensacionalista cujo foco, na maioria dos casos, são os desastres naturais. O profissional da comunicação não podem se conformar com este tipo de cobertura e nem se dedicar apenas as reportagens de comportamento social entre uma estação e outra, visando apenas a audiência através do entretenimento pela notícia. É preciso enxergar os detalhes, denunciar os abusos, investigar o que tem sido decidido (ou não) em termos políticos e econômicos e ainda divulgar alternativas em prol da preservação do meio ambiente.

As mudanças pelas quais o clima na terra está passando são irreversíveis. Não dá mais para se calar diante das ameaças das consequências das mudanças climáticas para a sociedade. No Brasil, país com mais de 191 milhões de pessoas (IBGE), onde a televisão é considerada a principal fonte de informação e está presente em mais de 95% dos domicílios (PNAD-2008), se faz emergente a divulgação de notícias mais detalhadas sobre o tempo e a prática de um telejornalismo fiscalizador das ações dos órgãos públicos, dos assuntos ligados às mudanças climáticas, suas características e ações para a adequação das cidades às alterações climáticas. A TV deve dar seguimento ao processo de informar a sociedade sobre o que pode ser feito em nível local, nacional e mundial para a redução das consequências das



mudanças climáticas, bem como a adaptação aos novos tempos digitais.

### Referências Bibliográficas

ANDI, **Cop-15**. Disponível em: <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/cop-15/-content/um-acordo-sem-metas-e-sem-consenso-decepcao-da-cop-15>>. Acesso em: 03 fev 2010.

ANDI. Disponível em: <[www.mudancasclimaticas.andi.org.br](http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br)>. Acesso em: 18 out 2009.

BOLAÑO, César R. S.; BRITTOS, Valério C. **A televisão brasileira na era digital** – Exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes. São Paulo: Paulus, 2007.

BONNER, William. **Jornal Nacional** - A Notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRASIL **Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/protocolo-kyoto.htm>>. Acesso em: 24 set 2009.

CLIMATE Change 2001: Impacts, adaptation and vulnerability. Relatório do grupo de trabalho II do IPCC. Edição Patrícia Mousinho. *In*: TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável** – abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.

CRUZ, Renato. **TV digital no Brasil** – Tecnologia versus Política. São Paulo: SENAC. 2008.

GLOBO News. Disponível em: <<http://www.globonews.com.br>>. Acesso em: 11 jul 2011.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 set 2009.

\_\_\_\_\_. **PNAD 2008**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/especiais/pnad>>. Acesso em: 08 out 2009.

IPCC. Disponível em: <<http://www.ipcc.ch>>. Acesso em: 15 out 2009.

JORNAL Hoje. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornalhoje-0,,TLI1028-16025,00.html>>. Acesso em: 24 abr 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MINISTÉRIO das Comunicações. Disponível em <<http://www.mc.gov.-br/vene-zuela-anuncia-adesao-a-tv-digital-nipo-brasileira/>>>. Acesso em: 15 out 2009.



MINISTÉRIO das Comunicações. Disponível em < <http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/23580-110711-minicom-divulga-vantagens-do-isdb-t-na-africa> >. Acesso em: 11 jul 2011.

MONTEZ, Carlos; BECKER, Valdecir. **TV Digital Interativa** – Conceitos, Desafios e Perspectivas para o Brasil. Florianópolis: UFSC, 2005.

MUDANÇAS Climáticas. Disponível em: <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org-.br>>. Acesso em: 17 out 2009.

MUDANÇAS Climáticas. **Entrevista com Adalberto Marcondes**. Disponível em: <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/1142>>. Acesso em: 17 out 2009.

\_\_\_\_\_. **Análise de mídia**: cobertura brasileira sobre mudanças climáticas está mais atenta ao cenário nacional. Disponível em: <<http://www-mudancas-climaticas.andi.org.br/node/1143>>. Acesso em: 17 out 2009.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **Globo News** – 10 anos, 24 horas no ar. São Paulo: Globo, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

REDE GLOBO. Disponível em < <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/04/globo-46-anos-relembra-quais-foram-os-acontecimentos-mais-marcantes.html> > Acesso em 11 Jul 2011.

RELATÓRIO STERN. Disponível em: <[http://mudancasclimaticas.cptec.inpe.br/~rmclima/pdfs/destaques/SHORT\\_executive\\_summary\\_PORTUGUESE.pdf](http://mudancasclimaticas.cptec.inpe.br/~rmclima/pdfs/destaques/SHORT_executive_summary_PORTUGUESE.pdf)>. Acesso em: 18 jun 2009.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: Um perfil Editorial. São Paulo: Summus, 2000.

TEMPO News. Disponível em: <<http://www.recordnewstv.com.br/home.-asp>>. Acesso em: 25 mar 2009

THE WEATHER CHANNEL Disponível em <<http://itvt.com/story/5775/directv-extends-interactive-tv-weather-apps-weather-channel-hd>> Acesso em 11 jul 2011.

TV CULTURA. **História da emissora**. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/40anos/linha-do-tempo-60/b1969>>. Acesso em: 13 ago 2009

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável** – abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.